

CARMINHA

- Ei, Psite! Vai ali pra mim?

O código que um dia representou o bom viver, ouvimos como um solitário chamado à paz. De olhar firme, discreto, falamos para aliviar a dor.

O radio tão querido, desmaiou! Eu solidária concordei em tentar reanimá-lo, mas o cabra insistiu em continuar abatido.

Os pássaros vêm comer na mesa. Um pouco de silêncio em respeito aos dias difíceis, sobrevivemos...

O almoço cheirou mais uma vez. Insistentemente os pássaros cantam com um timbre original, garganta forte, que trem longo, sapateia meninos, tem poeira pra tirar! Onde posso comprar uma vassoura de cabo grande?

- Vez por outra passa um homem vendendo.

Os terceiros retrucam do amor: - Tu tá mofada? No romper, aqui, anos após anos.

O lençol azul claro cheiroso quase que projete das muriçocas que não se esquecem de zunir. O alho no filtro é bom pra que? Essa foi Rosalvo! Entender para atender (escrito atrás do caminhão).

Carminha abre o portão, por favor? E lá vem Ela devagar comendo como que mascando um elixir. Lenço de dez anos, um estandarte de rainha. Faceira, pressa da Bahia. O mais novato de músculos forte, late, come, bebe relaxa, gosta de passear de carro. O tempo é assim: da janela um testemunha ocular.

Entre o climático antálgico, balsâmico, carbônico o mundo transforma. Vozes OUT são variadas... A mulher ainda fala que tem medo para o estranho que só querer transportar entulhos!

Os veículos dantes na infância: mamíferos herbívoros da ordem dos ungulados, perissodáctilos (do urbano um novo alimento – O lixo) que nos traziam leite à porta, hoje o resistente conjunto de pedras cortadas exibem bufantes das mais variadas espécies movidos a gás não butano. E assim, no desfecho sinfônico acorda a cidade. Nessa hora, Lídia já foi praticar fazer seu treino atlético. O dia começou!